

tempo todo nunca apareceu na minha escola, nunca chegou na sua baratinha, nunca ninguém viu, mas que nunca precisou entrar na nossa classe pra gente saber que ele existia.

NÃO É ASSIM A VIDA?

Sônia. Tenho trinta e poucos. Ah, nem lembro. Deixe ver. Uns quinze. É, bote aí, uns quinze. Aqui? Não. Nasci aqui não. Sou de outra cidade. Quer saber disso pra quê? Bem, não interessa. Mas não vai botar meu nome aí não, né? Nada de nome, nada de retrato, nada de endereço. Se for assim, eu falo. Você hoje me pegou num dia bom, estou mesmo com vontade de desabafar. Vai ser como uma conversa entre duas mulheres, como se a gente fosse amigas, certo? Depois você faz o que você quiser com isso. Mas nada de nome, nada de retrato, nada de endereço. Certo?

Como você vê, não sou bonita, nem jovem e minha vida não é um mar de rosas. Mas também não cheiro mal, e me visto com roupa decente. Nada de farrapos. Consigo meus clientes, tenho até cliente cativo, mesmo que na nossa profissão os fregueses nunca são os mesmos e nunca deixem de aparecer aqueles que gostam de bater, de xingar, de dar porradas e dizer coisas que às vezes doem mais do que tapa ou beliscão. Veja meu cabelo. Pode não ser tratado como o de mulheres ricas que têm dinheiro e não têm o que fazer, por isso, às vezes perde um pouco a beleza que poderia ter, mas são limpos e cheiram bem.

Meu rosto não tem defeitos ou cicatrizes, não sou vesga, nem desdentada, só não sou bonita, artista de novela. Também com essa idade... Já fui. Nessa profissão, mulher sem graça não senta praça, diz o dito. E aí, minha filha, os clientes vão sumindo, o dinheiro minguando... Será a falta

de graça, frescura na pele que só gente jovem tem? Quem já tem a quilometragem que eu tenho pode ainda ter a mesma graça que tinha aos dezoito, pode?

Tem o ditado que diz: o que vale é a beleza interior, não é? O caralho! Desculpe... Beleza interior, eu? Como é possível passando o que eu passei, pensando como eu penei, e ter beleza interior? Quando alguém me fala que o importante é estar bem por dentro eu digo, ah, assim eu estou bem. Claro! Não tenho azia, gastrite, mau hálito; não sofro de gases, não tenho doença venérea, nem tenho corrimento... Podia estar melhor? Ah, essas filosofias me encham o saco. Não preciso de conselhos. Sei me virar sozinha.

Apanho, me batem, me roubam, não vou dizer que me humilham, porque ninguém me humilha. Puta nenhuma. Macho nenhum. Sou capaz de levar porrada e agüentar firme, depois esqüecer. Não vou cair na besteira de reagir e fazer bobagem. Numa dessas, eu termino atrás das grades e bau, bau, tia chica. Quem vai sustentar meu menino que ainda nem tem dez anos? Quem vai mandar a feira de minha mãe, tão velhinha que mal anda, mal vê e mal fala? Agora, se me humilham sou capaz de esquecer meu menino, minha mãe, minha família e fazer besteira. Por sorte isto ainda não aconteceu.

Onde eu moro? Ah, filha, é um quartinho mofado, no fundo de uma casa, numa vila, na periferia. Não queira nem saber! Mas pago pouco e lá ninguém me aporrinha. É a vantagem.

Agora, que a vida é dura, isso é. A concorrência é feroz. Olhe para os lados que você vê. Tem tanto travesti

bonito, produzido, com peito de silicone, bumbum de silicone... Uns nem pinto têm. Pode? Tem também essas menininhas, doze, treze, quatorze anos, nem peitos têm, acho que algumas aí nem são mulheres, nem menstruaram ainda.

A meninada mais nova aparece pouco. Eles deitam com as namoradas no primeiro dia que se conhecem. Antes tinha o cabaré, um lugar de trabalho limpo, decente, com certa segurança. Já trabalhei num assim, no começo. Depois acabou tudo, fechou. Os motéis acabaram com eles.

Tem época do ano que a gente tem que trabalhar de dia e de noite se quiser fazer algum. A gente é como táxi, vai ficando velho e vai perdendo a freguesia. Mas fazer o quê? Não é assim, a vida? E tem que saber escolher o ponto, tem que ser esperta com a polícia. Tem que se livrar dos malandros... A violência da rua, a aids, o vento, o medo... A gente nunca sabe o que está esperando por nós a cada noite.

Você não viu o lugar onde moro... Nem vai poder ver. Você não entraria lá. É perigoso. Principalmente pra você que é jovem, bonita e não é pobre. A polícia ia querer saber quem você é, o que tá fazendo. Essas coisas. O dono do pedaço ia querer saber quem você é, a dona do quarto ia querer saber o que você procura.

A vida é dura, mas a gente tem alegrias também. Claro. Sem ter alegrias, umazinha que seja, alguém pode viver? Nós temos as nossas, eu tenho a minha. Às vezes é uma coisa tão besta, tão sem graça para os outros, mas que para nós passa a ser uma coisa grande, radiosa, bonita, quase um sonho... Olhar um retrato da gente quando era mocinha, dar uma volta no comércio durante o dia, mandar o dinheiro para casa, passear no meio das pessoas como se tivesse num país

estrangeiro... Ou imaginar que um dia vai aparecer alguém que nos despedace o coração e que nos queira e que nos leve para o mundo da luz do dia, do sol, e que eu possa ser igual a todas as outras, possa engomar a farda do meu filho, tenha minha cozinha e meus afazeres, possa ter essa rotina que tantas reclamam, e que eu não sei como é... Tenho saudades de certas coisas, de xixi, cocô, mamadeira, cueiros... Ah, quando penso nessas coisas, vou longe. Esqueço do mundo. Fico boiando.

Depois caio na real. De noite eu vivo, de dia, na maioria das vezes, eu durmo. E de tanto fazer isso a gente vai se acostumando, fica meio vampiro, foge do sol, da luz dele. Dói na vista. De noite o mundo é menor, só existe onde tem luz. O homem é como mariposa, a gente é mariposa, e as pessoas são estranhas, meio loucas, fora dos eixos; uns com medo, outros fugindo, outros caçando, indo atrás; uns bêbados, outros drogados, uns fodidos, outros. nem tanto, uns chorando, outros sorrindo, uns por cima, outros por baixo. A vida é assim.

O futuro? O futuro é a morte, minha filha! Não tem perdão! A gente morre de todo jeito: morre de fome, morre de dor, morre de amor, e morre de saudade. De tiro, faca e desastre. Tudo a mesma coisa. Não quer beber um pouquinho? Tenho um cantilzinho aqui na bolsa. Ajuda a passar o frio. Não bebe? Nem so-ci-al-men-te? Eu bebo sim, estou vivendo, tem gente que não bebe está morrendo... Desculpa. Vamos lá. Onde eu estava mesmo? Ah, sim! Pois é. Isso pra mim é um trabalho como outro qualquer. Trabalho nisso porque é a única coisa que eu sei fazer. E não me arrependo. Tem lá seus problemas. A gente sofre

um bocado, mas quem não sofre? Vá perguntar a um gari se ele não sofre! Pergunte a um peão de obra se a vida dele é boa. Veja se quem trabalha na roça não sofre! Pois é. Trabalhou, sofreu, viveu, morreu. É a lei do mundo.

Ah, minha filha, eu não gosto de muita coisa! Não gosto de apanhar, não gosto de ser enrolada, não gosto de muita conversa na cama, detesto quando chega uns bebuns e começa a querer saber da minha vida, não assim como você tá fazendo, mas com uma conversa mole que enche o saco. Quando você entrou nessa vida? Porque você veio parar aqui? Você não pensa em viver honestamente? Como se a gente fosse desonesta, e como se eles fossem nos salvar da perdição. Tudo cachaça, tudo falsidade, hipocrisia, como diz minha amiga Marleide. Desculpe, vou tomar mais uma. Pra esquentar. Não quer mesmo?

Isso tem. Mas não é como as pessoas falam, não. Ele é nosso homem, nos dá proteção. Quem não tem o seu, tá ferrada. Todo pé rapado quer levar seu dinheiro. Todo amarelo, metido a besta quer te bater. E sem ele, como a gente ia viver? Alguém pode viver sem amor? Mesmo que ele seja bruto, grosseiro, mas também tem as horas de carinho, né? Sem isso mulher nenhuma vive. Não. Isso não. Esse meu homem nunca vai me tirar daqui. Ele vive disso. Como ia poder?

Fantasia todo mundo tem, sabe? Se eu sair dessa vida algum um dia, vai ser assim: Meu homem de verdade vai entrar no meu quatinho arrombando a porta, vai pisar no pescoço do meu cafetão, me puxar pelo braço, me arrancar de lá e me levar embora num carro conversível, vermelho, como se fosse o filme da Júlia Roberts, que eu vi umas cinco

vezes e nas cinco quase morro de chorar. E se não for assim, vai ser na garupa de um cavalo, montado por ele, um cavaleiro igual ao que havia nas estórias que meu avó contava para mim e minhas irmãs quando a gente era pequena, armado com lança e espada.... Ah, desculpe! Acho que estou falando besteira, fantasia. Foi a bebida. Desculpe. Tá bom de parar, né? Já tá quase na minha hora. Não posso chegar atrasada. Não posso bobear. Tenho que bater o ponto. Modo de dizer, né. Foi um prazer, moça. Vá desculpando as bobagens que eu falei. Falei demais, não foi? Desculpe. Adeusinho.

A GRANDE EXPLOÇÃO

Para Wellington Pereira

Cipriano Mamede era um homem rico, orgulhoso e triste. Havia sido pobre na juventude, mas disso esqueceu. Evoluiu da condição de pobre à de homem rico e juiz de paz graças aos seus dotes morais, que as pessoas supunham existirem, e a outros motivos, estes bem mais significativos, ligados à sorte. Não se deve esquecer o fato de que quando se é rico, muitos atributos vão sendo agregados à pessoa como uma coisa natural.

Não se sabia o que ele fez para possuir a tal fortuna que diziam ter, mas certas pessoas ousavam dizer que sua fortuna não era tão grande assim. O que a tornava grande era a pobreza dos demais. Independente disso, era fato que comprou, vendeu, agiu e economizou com um pouco mais de sagacidade e aptidão que os outros.

Começou a vida como aprendiz de fogueteiro. Algum tempo depois, já era comerciante de fogos, e daí passou ao comércio de secos e molhados, até chegar à condição de dono de muitas terras, gado e gente.

A deusa da fortuna parecia soprar na sua nuca: casou com uma moça que possuía bens herdados, suas vacas pariam mais que as de todo mundo, e a sorte mostrou-lhe uma botija nos escombros de sua casa da fazenda. Se isto era verdade ou não, não há como provar. O que se sabe é que ele era dono das terras, das águas, da estima, do respeito,